



Opinião Econômica

Bernardo Guimarães

Doutor em economia por Yale, foi professor da London School of Economics (2004-2010) e é professor titular da FGV EESP

banrisul

A indicação ao BC e o paradoxo da queda dos juros

Um diretor que traria expectativas de juros baixos poderia, paradoxalmente, reduzir o ritmo da queda de juros

Estão vagas, desde o início do ano, duas importantes diretorias do Banco Central: a de Política Econômica, crucial para as decisões sobre taxas de juros, e a de Organização do Sistema Financeiro, com papel fundamental em questões como a quebra do Banco Master.

Os mandatos dos antigos diretores, Diogo Guillén e Renato Gomes, venceram no final de 2025. O governo deveria ter indicado os nomes de quem ocuparia esses cargos há cerca de seis meses. Até agora não indicou. Por que o governo não fez uma coisa tão simples e importante?

Seja como for, o momento é de especulações sobre o novo diretor de Política Econômica. Na semana passada, circulou

o nome de Guilherme Mello. Se confirmada, sua indicação traria expectativas de mudanças na condução da política monetária. Por suas ideias como economista e sua ligação com o PT e o governo, ele poderia reduzir juros sem tanta preocupação com possíveis efeitos na inflação.

Nesse ponto, vale revisitar a indicação de Gabriel Galípolo para a presidência do Banco Central. No segundo semestre de 2024, o mercado financeiro e a militância petista esperavam que a troca de Roberto Campos Neto por Galípolo levasse a uma mudança na condução de política monetária, com juros mais baixos.

Como eu escrevi à época, paradoxalmente as expectativas de

juros baixos gerariam juros altos. A desconfiança na política monetária levantaria expectativas de inflação, impulsionaria o dólar e afetaria as taxas de juros futuras. Para convencer o mercado de que o BC não deixaria a inflação subir e frear essas mudanças, o Banco Central precisaria de juros ainda mais altos.

Foi justamente isso que aconteceu. Temendo um descontrole nas expectativas e precisando mostrar que não seria leniente com a inflação, o Banco Central de Galípolo levou a taxa de juros a estratosféricos 15% anuais.

Ironicamente, se Campos Neto tivesse permanecido no cargo, os juros não teriam subido tanto, estariam mais baixos. Não

porque Galípolo goste mais de juros altos, mas porque ele subiu ao trono com pouca credibilidade e, portanto, com expectativas de inflação menos favoráveis.

Agora, finalmente, os juros vão começar a cair. O Banco Central já conquistou credibilidade, a inflação está vindo para a meta, é hora de derrubar a Selic.

Justamente neste momento o governo vai cometer exatamente o mesmo erro? Vai indicar alguém para o Banco Central com o objetivo de baixar juros, aumentando a desconfiança sobre o Banco Central?

Ninguém precisa me convencer de que nossos juros estratosféricos têm efeitos horíveis na parte fiscal (aumentam muito a dívida pública), na distribuição de riqueza (transferem renda para quem é mais rico) e na atividade econômica (desestimulam o investimento).

O ponto é que um diretor que venha com a missão de reduzir juros pode atrapalhar o processo de queda da Selic. A expectativa de mudança na condução da política monetária elevaria a inflação esperada e o Banco Central não poderia abaixar os juros tão rapidamente.

Há vários economistas no Banco Central com perfil técnico e conhecimento profundo da política monetária, ótimos para o cargo. Não desagrariam o mercado nem a militância petista. Se o momento é de colocar nomes na mesa, eu sugeriria o de André Minella.

Taxa única: o upgrade que sua conversão precisava.

Banri Global Account com **IOF e Spread unificados**
é mais dinheiro na conversão da moeda.

USD • EUR • GBP • CAD • AUD



banrisul

Bares da orla do Guaíba devem reabrir até o final do ano

/VAREJO

Cássio Fonseca
cassiof@jcrs.com.br

Fechando um mês do início da recuperação dos bares no trecho 1 da orla do Guaíba, próximo à Usina do Gasômetro, a expectativa segue de conclusão até o final de 2026. Os trabalhos são majoritariamente internos, na revitalização das estruturas severamente atingidas nas enchentes de 2024. Mas, o que pode servir como expectativa para quem gosta de frequentar o espaço, principalmente durante o pôr do sol, é a garantia de que os mesmos estabelecimentos irão reabrir.

A prefeitura confirma que os três permissionários que ocupavam os bares na parte inferior do calçadão, no nível do Guaíba, estão acordados para retornar após a conclusão da obra. São eles os bares Baruno, Sunset Poa e Jardim de Creta.

A reforma pertence à segunda fase do projeto de revitalização de 1,3 quilômetro de

extensão entre o Gasômetro e a Rótula das Cuias. O investimento é de aproximadamente R\$ 2,4 milhões, oriundos do Termo de Alienação de Solo Criado por Contrapartida (Tascc), firmado com a empresa Cyrela.

Já em frente ao Parque Marinha do Brasil e ao lado da pista de skate, no trecho 3 da orla, o Espartano da Pista já está aberto ao público. O espaço retomou suas atividades no dia 25 de ja-

neiro deste ano. A estrutura também foi devastada pelas cheias em 2024 e, inclusive, foi posta a marca de até onde a água chegou nos pilares que a sustentam.

Na manhã da sexta-feira passada, o trecho também recebeu o reforço de banheiros químicos, prevendo o aumento no movimento durante os próximos quatro dias de Carnaval. Equipes de limpeza também cortaram a grama próxima ao Guaíba.



Trabalhos buscam revitalizar estruturas atingidas pelas cheias de 2024

Black Friday foi mais forte do que o Natal, diz IBGE

A queda de 0,4% no comércio varejista brasileiro em dezembro ante novembro foi decorrente de “uma Black Friday mais forte do que o Natal” no comércio no ano de 2025, avaliou Cristiano Santos, gerente da Pesquisa Mensal do Comércio no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“Eventualmente, nas promoções de novembro no varejo, você consegue também fazer as compras para o Natal”, apontou o pesquisador, sugerindo um movimento de antecipação de compras.

O recuo no volume vendido em dezembro sucedeu o pico histórico de vendas em novembro de 2025, adicionando assim o desafio de superar uma base de comparação bastante elevada, lembrou Santos.

“Dezembro tem efeito de

base (de comparação elevada). Novembro era o pico da série, é mais difícil conseguir mais crescimento em volume”, disse Santos. “Temos fatores que contribuíram para o crescimento do comércio diante de uma base de comparação já alta. O varejo vinha de um ano muito forte em 2024”, lembrou.

Entre os impulsos ao consumo no varejo, o pesquisador mencionou o mercado de trabalho aquecido, com aumento no emprego e a massa de renda em alta, além da expansão do crédito à Pessoa Física. Outros elementos que ajudaram no desempenho positivo do varejo em 2025 foram a trégua da inflação em alguns meses do ano e a desvalorização do dólar ante o real, com impacto, sobretudo, na atividade de equipamentos de informática e comunicação.